

Jacob Gorender (1923 – 2013)

Não sei se os sonetos de Camões ainda são lidos. Se não o são, perdemos todos. Entre os muitos notáveis sonetos de Camões um sempre é lembrado, o que relata a paixão de Jacó por Raquel, e o muito que ele teve que sofrer para consumá-la. Paixão irresistível que, afinal, custou a vida de Raquel, que não resistiu a um segundo e doloroso parto.

Não sabia Jacó que tão curta seria sua vida com Raquel, não sabia dos sofrimentos que lhe adviriam daquela paixão intensa. E é preciso acreditar, que, mesmo que soubesse, não hesitaria em vivê-la, em buscá-la, que há desígnios, que há escolhas que se impõem, para além de todas as conveniências e cálculos.

É o que é preciso dizer quando pensamos em Jacob Gorender, perfeito representante dos que fizeram de suas vidas uma radical aposta na capacidade dos seres humanos de se emanciparem na liberdade, na justiça, na igualdade, na verdade.

Muito mais do que 7 anos, mais do que 14 anos, serviu Jacob não a Labão, porque o pai de Idalina não o exigiu, mas, a uma outra igualmente exigente paixão, tão indeclinável quanto aquela, que mobilizou o filho de Isaac em busca de sua Raquel.

Jacob Gorender, digno descendente do Jacob bíblico, também ele fez de sua vida um pacto, também ele perseverou, também ele fez de sua vida um testemunho do quanto é possível resistir à venalidade, à corrupção, à estupidéz, ao individualismo.

Jacob Gorender, que há pouco nos deixou, completou, em janeiro de 2013, noventa anos, uma longa e movimentada vida, que é preciso saudar, homenagear. Múltiplos foram os interesses e atividades de Jacob Gorender: o militante, o dirigente político, o jornalista, o editor, o historiador, o pesquisador de temas econômicos. À todas estas atividades deu mais que inteligência e lucidez, de que era senhor, deu a elas um sentido de coragem e coerência excepcionais, mesmo quando o preço a pagar foi, muitas vezes, o sacrifício pessoal, o muito áspero da vida. Foi,

assim, quando, jovem, engajou-se nas tropas brasileiras, que foram à Europa combater o nazi-fascismo; foi assim em sua longa militância em partidos de esquerda, que lhe valeu a clandestinidade, a prisão, a tortura. Sua carreira intelectual, que se fez grande e referencial, deu-se a contrapelo, pois muitos obstáculos se interpuseram para quem, vivendo na clandestinidade, não pode concluir seus estudos universitários, o que não o impediu de pesquisar e debater, de informar-se, de preparar-se, de marcar nossa vida política e intelectual.

Gorender viveu o paroxismo de uma aposta laica, a urgência da ação política, enfrentando os muitos riscos e contradições de uma “era de extremos”. Gorender deve ser saudado também pelo seu mais que meritório trabalho à frente da edição da coleção **Os Economistas**, da Editora Abril, que ofereceu aos brasileiros a oportunidade de acesso ao melhor do pensamento econômico mundial. Para esta coleção escreveu uma consistente introdução a **O Capital** de Marx, que deve ser incluída como referência entre os estudos sobre Marx.

As vicissitudes da experiência soviética tiveram nele um estudioso atento e informado. Dominava o idioma russo e no momento mesmo da crise final da URSS viajou para o leste europeu, resultando destas viagens dois livros: **O Fim da URSS. Origens e fracasso da perestroika**, de 1991; e **Marcino e Liberatore**, de 1992. Em 1999 publicou **Marxismo sem Utopia**, que é seu ajuste de contas com a tradição marxista. Livro polêmico e lúcido, discutível, com certeza, mas que, de novo, reitera o que ninguém pode negar-lhe: a coragem, a integridade, a inteligência disposta a tudo investigar, a questionar sempre e mais.

Mas, foi à história que Gorender deu sua mais decisiva contribuição. Seu livro **Combate nas Trevas**, de 1987, é o mais importante registro, até aqui, de uma história da esquerda no Brasil, ainda não escrita, e de que se carece como contraponto, necessário, para a compreensão efetiva do Brasil. Essa história da esquerda no Brasil, quando for escrita, terá no livro de Gorender uma espécie de referência básica, pela segurança da interpretação, pelo equilíbrio de uma exposição, que não sendo neutra, que não buscando uma ilusória isenção, não se deixa cegar pela irrupção da ira, da paixão, ainda que santas. É trabalho de historiador que sabe de seu ofício e o dignifica.

No campo da história econômica publicou Gorender: em 1978, **O Escravismo Colonial**; em 1981, **A Burguesia Brasileira**; em 1987,

Gênese e Desenvolvimento do Capitalismo no Campo Brasileiro; A Escravidão Reabilitada, em 1990; em 2000, **Brasil em Preto e Branco**.

Alguns destes livros fizeram época, suscitaram polêmicas. São obras de um autodidata, afastado do mundo acadêmico, que ousou desafiar reconhecidas teses sobre a realidade brasileira.

Jacob Gorender fez de sua vida intelectual, de sua vida política, uma permanente disponibilidade para o debate, para o enfrentamento de questões importantes, mesmo quando isto significou contrariar o estabelecido, as conveniências. Foi assim, quando não hesitou em desafiar teses centrais da tradição marxista, mesmo as melhores, como fez em seu livro **Marxismo sem Utopia**. Foi, assim, quando contestou certas importantes tradições historiográficas sobre a natureza da escravidão e do sistema colonial no Brasil. Foi assim, quando ousou a militância revolucionária, quando assumiu aos riscos da luta revolucionária num momento em que isto significava arriscar a vida.

Mais do que 7, mais do que 14 anos Jacob serviu, não a Labão, a Raquel ou a Lia, que seu serviço tinha outra destinação, sabedor que era, como Carlos Drummond de Andrade, que:

“Depois de tantos combates
o anjo bom matou o anjo mau
e jogou seu corpo no rio.”
“As águas ficaram tintas
de um sangue que não descorava
e os peixes todos morreram.”
“Mas uma luz que ninguém soube
dizer de onde tinha vindo
apareceu para clarear o mundo,
e o outro anjo pensou a ferida
do anjo batalhador.”

*João Antonio de Paula**
Juiz de Fora, 9 de setembro de 2013.

* Professor do CEDEPLAR/FACE/UFMG, Presidente da ABPHE (gestão 2003 – 2005).